

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A relação entre as estratégias de coping dos pais e as
estratégias de coping dos filhos adolescentes**

Raquel Nogueira de Sousa Gomes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A relação entre as estratégias de coping dos pais e as
estratégias de coping dos filhos adolescentes**

Raquel Nogueira de Sousa Gomes

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

Agradecimentos

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive

Ricardo Reis

A todos que me ajudaram a lutar e a nunca desistir:

À minha família, que permitiu que esta viagem fosse possível, que lutaram comigo para que pudesse chegar ao fim, um eterno obrigada por me terem proporcionado os melhores anos da minha vida.

À minha orientadora, a Professora Doutora Marta Pedro, que sempre acreditou em mim, pela paciência, persistência e rigor com que me orientou ao longo destes meses.

Às famílias que se dispuseram a contribuir para a realização deste estudo.

À Catarina que partilhou comigo estes meses de orientação, de esforço e luta, obrigada pela ajuda.

Às minhas melhores amigas, a Inês, a Raquel e a Lara, sempre presentes com uma palavra de apoio e incentivo, obrigada pelo carinho e pela amizade.

À Raquel e a Maria Inês que suportaram as minhas dificuldades e os meus medos sempre que pensei em desistir, obrigada pela disponibilidade e pela preciosa ajuda, sem vocês não teria conseguido.

Às amigas que lado a lado caminharam comigo nesta longa viagem, a Susana, a Pipa, a Marta e a Carolina. Foram anos de aventuras, de aprendizagem e sobretudo de conquistas, obrigada a vocês pela amizade e companheirismo. Chegamos ao fim, juntas!

Resumo

Sendo a adolescência uma fase caracterizada por inúmeras mudanças, o *coping* torna-se fundamental para enfrentar as situações difíceis e transições a que os adolescentes estão sujeitos, que, por sua vez, tem impacto no seu ajustamento psicossocial. Neste sentido, nas últimas décadas, a literatura tem demonstrado um interesse acrescido pelo estudo do *coping* na adolescência. Apesar das evidências empíricas demonstrarem influência crucial dos pais no desenvolvimento do *coping* dos filhos pouco se sabe ainda sobre esta relação. Assim, considerando a escassa investigação, que demonstre a forma como o *coping* dos pais se relaciona com o *coping* dos filhos, o objetivo do presente estudo foi investigar a existência de efeitos diretos entre o *coping* dos pais e o *coping* dos filhos. Foram também analisadas as diferenças nas médias nas variáveis em estudo em função do sexo dos participantes. A amostra foi constituída por 255 famílias portuguesas, casadas ou em união de facto, com filhos de idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. Foi aplicado um questionário de dados sociodemográficos, um questionário de *coping* para os progenitores, *INCOPE-2R* (Bodenmann, 2000; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014) e um questionário de *coping* para os adolescentes, *Coping & Resiliência* (Youth Connectedness Project, 2006; versão portuguesa de Crespo & Francisco, 2011). Os resultados demonstraram a existência de efeitos diretos entre o *coping* dos progenitores e o *coping* dos filhos adolescentes. Mais concretamente, verificaram-se efeitos diretos entre o *coping* funcional e disfuncional do pai e as estratégias de procura de apoio social, de ruminação e de expressão hostil de sentimentos dos filhos, respetivamente; entre o *coping* disfuncional da mãe e as estratégias de evitamento e ruminação dos filhos; e entre o *coping* funcional da mãe e a estratégia de expressão hostil de sentimentos dos filhos. As implicações destes resultados são discutidas no presente trabalho, bem como as limitações e sugestões para estudos posteriores.

Palavras-Chave: *coping* pais; *coping* filhos adolescentes; *coping* funcional; *coping* disfuncional; *estratégias de coping*.

Abstract

Considering that adolescence is a period characterized by many changes, coping becomes a fundamental process for facing the difficult situations and transitions experienced by adolescents, which in turn have an impact on their psychosocial adjustment. In this regard, during the last decades, literature has demonstrated an increasing interest on the study of adolescent coping. Although there has been empirical evidence showing that parents have a crucial influence on the development of their children's coping, still little is known about this relationship. Considering the lack of studies in this field, the objective of this study was to investigate direct effects between parents' coping and adolescents' coping. The differences among the means of the variables in study were analyzed according to the sex of the participants. The sample was composed by 255 Portuguese families, married or in non-marital partnership, with children of age between 12 and 21 years old. Three separated questionnaires were applied: a sociodemographic questionnaire, the questionnaire INCOPE-2R (Bodenmann, 2000; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014) that analyzes parents coping, and the questionnaire Coping & Resilience (Youth Connectedness Project, 2006; versão portuguesa de Crespo & Francisco, 2011) that analyzes adolescent coping. The results showed direct effects between parents' and adolescent' coping. More specifically, direct effects were found between fathers' functional and dysfunctional coping and the adolescents' strategies to search for social support, rumination and hostile expression of feelings; between mothers' dysfunctional coping and adolescents' strategies of evasion (avoidance) and rumination; and, between mothers' functional coping and adolescents' hostile expression of feelings. The implications of these results are discussed in the present study, as well as the limitations and suggestions for future studies.

Key-words: parents coping; adolescent coping; functional coping; dysfunctional coping; coping strategies.

Índice Geral

Índice de Figuras	VIII
Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
<i>Coping na Adolescência</i>	2
<i>A importância dos pais no coping dos adolescentes</i>	4
<i>Diferenças de género</i>	4
<i>Presente estudo</i>	6
Método	7
Resultados	10
Discussão dos Resultados	17
Conclusão	23
Anexos:	
Anexo A: Consentimento informado	
Anexo B: Protocolo de investigação - Versão pais	
Anexo C: Protocolo de investigação - Versão filhos	

Índice de Tabelas

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo dos participantes 11

Tabela 2

Intercorrelações entre as estratégias de coping dos pais e as estratégias de coping dos filhos adolescentes 13

Tabela 3

Intercorrelações entre as estratégias de coping das mães e as estratégias de coping dos filhos adolescentes 14

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo conceptual proposto da relação entre as estratégias de coping dos pais e das mães e as estratégias de coping dos filhos adolescentes.	7
Figura 2. Modelo estrutural da relação entre as estratégias de coping dos pais e as estratégias de coping dos filhos adolescentes.....	15
Figura 3. Modelo estrutural da relação entre as estratégias de coping das mães e as estratégias de coping dos filhos adolescentes.....	16

Introdução

A família é um conjunto de elementos emocionalmente ligados (Sampaio & Gameiro, 1985) em contínua relação com o exterior trabalhando para manter o equilíbrio do seu desenvolvimento (Sampaio, 1984). Tendo em conta que o todo é maior do que a soma das partes, os membros de uma família têm assim um impacto mútuo uns nos outros, levando a que os indivíduos devam ser compreendidos no contexto do sistema familiar alargado (Bertalanffy, 1968).

Sendo a adolescência um período que envolve transições múltiplas e significativas mudanças, nomeadamente na relação que o jovem tem consigo próprio, com os pais e com os pares, o *coping* torna-se uma variável imprescindível para a compreensão do modo como os adolescentes lidam com as tarefas a que estão sujeitos (Cleto & Costa, 1996). Deste modo a literatura tem procurado compreender que fatores contribuem para os processos de desenvolvimento do *coping* dos adolescentes, sendo que os pais demonstram ter uma papel fundamental no *coping* dos filhos, contudo pouco ainda se sabe sobre esta relação.

Assim, tendo em conta a escassez de estudos que evidenciem a forma como o *coping* dos pais se relaciona com o *coping* dos filhos, e a par da importância de compreender o processo de *coping* na adolescência, o presente estudo pretende contribuir para a literatura, procurando perceber como funciona a relação do *coping* dos pais com o *coping* dos adolescentes, procurando a existência de efeitos diretos.

O estudo insere-se numa investigação mais vasta denominada Relações Familiares e Bem-Estar na Adolescência: Fatores protetores e de risco em contexto de crise económica, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Pedro & Francisco, 2013¹).

Seguidamente apresenta-se a dissertação de mestrado em formato de artigo científico.

¹ Investigação em curso

Enquadramento Teórico

A capacidade para lidar com situações difíceis ou acontecimentos stressantes tem sido apontada como um fator essencial para o ajustamento e bem-estar dos adolescentes (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2011). Neste sentido, a literatura salienta a importância de se analisarem os processos de *coping* na adolescência (Compas, Connor-Smith, Saltzman, Thomsen & Wadsworth 2001; Skinner & Zimmer-Gembeck, 2007) e vários estudos têm procurado identificar quais os fatores relacionados com as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes. No entanto, apesar das evidências empíricas demonstrarem a influência crucial dos pais no modo como os jovens respondem e lidam com situações de *stress*, bem como a sua contribuição para o desenvolvimento de recursos de *coping* dos filhos (Zimmer-Gembeck & Locke, 2008), pouco ainda se sabe sobre a relação entre o *coping* dos pais e o *coping* dos filhos adolescentes.

Coping na Adolescência

O *coping* é um processo complexo que tem sido alvo de inúmeras conceptualizações, não havendo consenso relativamente à melhor forma de o definir (Compas, 2009). No que diz respeito ao *coping* na infância e na adolescência, a maioria das conceptualizações têm sido derivadas de modelos de *coping* na idade adulta, sendo a definição de *coping* mais citada a de Lazarus e Folkman (1984), que define este processo como o conjunto de “esforços cognitivos e comportamentais, em constante mudança, para lidar com exigências específicas externas e/ou internas que são avaliadas como desgastantes ou excedendo os recursos do indivíduo” (Lazarus & Folkman, 1984, p.141). Deste modo, alguns autores têm sugerido que o *coping* pode consistir num mediador entre acontecimentos de vida negativos e o impacto dos mesmos no bem-estar físico e psicológico do indivíduo (Blalock & Joiner, 2000). O *coping* pode assim ser definido como um conjunto de respostas que estão direcionadas para a resolução de situações de *stress* entre o indivíduo e o meio-ambiente ou como o alívio de emoções negativas causadas pelo evento stressante (Lazarus e Folkman 1984). Assim, os mesmos autores, propuseram um modelo que divide o *coping* em duas categorias: (1) *coping* focado nas emoções, incluindo respostas de *coping* que pretendem a diminuição ou alívio das emoções negativas resultantes do evento stressante (e.g., expressar emoções, procurar

conforto e apoio junto de outras pessoas); (2) *coping* focado no problema, relativo a respostas de *coping* que têm como objetivo agir diretamente sobre a fonte de *stress*, modificando a situação de modo a torná-la menos stressante (e.g., procurar informação, gerar soluções possíveis para um problema (Folkman & Lazarus, 1980).

A adolescência é um período caracterizado por uma grande diversidade de mudanças, a nível físico, cognitivo e sócio emocional, pelo que os jovens experienciam diferentes níveis de *stress* face às várias alterações (Hussong & Chassin, 2004). Deste modo, o estudo dos processos de *coping* nesta fase torna-se particularmente importante, na medida em que é a chave para entender o modo como os adolescentes respondem ou lidam com os problemas ou com as transições a que estão sujeitos, os quais, por sua vez, tem impacto no seu ajustamento psicossocial (Seiffge et al., 2001; Hussong & Chassin, 2004; Skinner & Zimmer-Gembeck 2007), constituindo importantes fatores que terão influência nos padrões de crescimento e desenvolvimento positivos em contraste com o surgimento de problemas psicológicos e somáticos (Compas et al., 2001).

Neste sentido, muitos têm sido os autores que consideram o *coping* como uma das principais variáveis que contribuem para o nível de adaptação dos adolescentes (Compras, 1987), havendo várias evidências empíricas que demonstram a importância das estratégias de *coping* usadas pelos adolescentes para o seu bem-estar físico e emocional. Por exemplo, um estudo realizado com 398 adolescentes, Câmara & Castellá (2003) , verificaram que um repertório adequado e variado de estratégias de *coping* prediziam o bem-estar psicológico dos jovens. Mais concretamente, estratégias de *coping* focadas na resolução de problemas, bem como estratégias de confronto da situação, têm sido frequentemente relacionadas com uma maior adaptabilidade e ajustamento psicológico, enquanto que as estratégias de evitamento têm sido associadas a níveis mais baixos de adaptabilidade e fraco ajustamento (e.g., Compas et al., 2001; Dell’Ago, 2000). Por outro lado, há ainda evidências de que o *coping* focado nas emoções e as estratégias de *coping* evitamento parecem estar associados a um menor ajustamento (e.g., evitamento social, auto-cupabilização e auto-criticismo). Importa ainda referir que, as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes irão depender, por um lado, da sua perceção de controlo (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008; Compas, et al, 2001) e, por outro lado, das circunstâncias, dos adolescentes e do seu nível de desenvolvimento (Couceiro, 2008), levando a que o *coping* seja um processo flexível, com alternância entre diferentes de estratégias ao longo do tempo (Skinner & Zimmer-Gembeck, 2009).

A importância dos pais no coping dos adolescentes

A perspectiva sistémica da família postula que cada indivíduo está inserido no contexto alargado do sistema familiar e, como tal, só pode ser inteiramente compreendido em relação ao contexto desse sistema familiar (Bertalanffy, 1968). Pelo que, a literatura da área de estudos do *stress* e do *coping* destaca a importância da influência dos pais e da família nas estratégias de *coping* usadas pelos adolescentes (Cappa et al, 2011). A família parece ter um impacto significativo no *coping* dos adolescentes, uma vez que os jovens que percecionam o sistema familiar como apoiante e disponível têm tendência a utilizar estratégias ativas de *coping*, que incluem procurar a família ao longo do tempo, o que contribui para o ajustamento psicológico, evitando o desajustamento (Jose & Kilburg III, 2007; Seiffge-Krenke & Beyers, 2005). Por outro lado, a investigação indica que a forma como os pais reagem a situações de *stress* está relacionada com as respostas de *coping* utilizadas pelos filhos adolescentes (e.g., Cappa et al, 2011), fenómeno que tem sido explicado, maioritariamente, através de processos de observação e modelagem (Kliewer, Fearnow & Miller, 1996). Segundo Skinner & Zimmer-Gembeck (2007) os progenitores contribuem para o desenvolvimento de recursos de *coping* nos adolescentes, tais como a autoeficácia ou competências sociais, servindo de modelo para os filhos. Os mesmos autores referem que os progenitores ensinam os filhos a lidar com más experiências, através do *coping* proactivo, de modo a prevenir a recorrência de tais situações.

Por outro lado, recentemente Seiffge-Krenke & Pakalniskiene (2011) realizaram um estudo longitudinal, com 196 famílias, cujo objetivo era analisar se o *coping* dos pais e o *coping* dos filhos adolescentes estavam relacionados diretamente. Os resultados demonstraram não haver efeitos significativos que apoiassem a hipótese de que o *coping* dos pais afeta de forma direta o *coping* dos filhos adolescentes. Fenómeno explicado, segundo os autores, pelo facto de que, durante a adolescência, há uma diminuição do tempo que os pais passam com os filhos. Referem ainda que os pais assumem um papel mais ativo e que poderão consequentemente influenciar o desenvolvimento das estratégias de *coping* dos adolescentes.

Diferenças de género

De uma forma geral, a investigação tem demonstrado a existência de diferenças de género no que diz respeito à escolha e utilização de estratégias de *coping* na adolescência

(Dell’Aglío, 2003; Raimundo, 2005) sugerindo que tal poderá estar relacionado com os papéis sociais tradicionais (Compas, 1987). Heckhausen & Schulz (1995), por exemplo, verificaram que as raparigas tinham mais tendência para utilizar estratégias de *coping* focas nas emoções (e.g., expressão de emoções e a procura de apoio social), ao passo que os rapazes tendiam a apresentar estratégias mais focadas no problema. Estudos mais recentes têm também comprovado este padrão de resultados. Em particular, Piko (2001) constatou que tanto os rapazes como as raparigas utilizavam estratégias de *coping* focadas nas emoções durante o início da adolescência. Contudo, após esse período, parece haver uma tendência para as raparigas continuarem a utilizar o mesmo tipo de estratégias de *coping*, focadas nas emoções, ao passo que os rapazes tendem a utilizar estratégias de *coping* mais focadas no problema. Estes resultados poderão indicar que os rapazes e as raparigas vão aprendendo que existem expectativas diferentes em relação a si próprios e são reforçados para o uso de diferentes ações de *coping* (Piko, 2001). Estas diferenças de género são ainda congruentes com as evidências iniciais de Folkman e Lazarus (1980), que sugeriram que os rapazes são geralmente mais orientados para o problema, usando mais ações diretas para o resolver, comparativamente com as raparigas.

As raparigas adolescentes parecem ainda revelar mais estratégias de procura de suporte social do que os rapazes, enquanto que os rapazes evidenciam níveis mais elevados de agressão e tendem a utilizar mais estratégias de recreação física (e.g., Cicognani, 2011 & Hampel, 2007). Resultados semelhantes foram igualmente observados por Matos, Gaspar e Cruz (2013), que constataram que os rapazes utilizavam mais frequentemente estratégias de evitamento, ao passo que as raparigas optavam mais pelo uso de estratégias de procura de suporte social.

A literatura refere ainda diferenças de género ao nível das estratégias de *coping* na idade adulta. Mais concretamente, as evidências empíricas sugerem que, perante situações de *stress*, os homens, tendem a apresentar uma maior exteriorização emocional dos afetos negativos relacionados com o problema (e.g., raiva e hostilidade), demonstrando mais a sua agressividade do que as mulheres (Stambor, 2006; Tobin et. al., 2000). Pelo contrário, aquando de situações de *stress*, as mulheres exibem uma maior tendência para se focarem mais na internalização dos afetos (Stambor, 2006). Segundo Tobin e colaboradores (2000), para além de demonstrarem uma maior internalização emocional, as mulheres tendem a utilizar mais pensamentos ruminativos acerca dos sentimentos negativos decorrentes da situação de *stress*, comparativamente aos homens.

Mais recentemente, Meléndez e colaboradores (2012) verificaram que as mulheres têm mais tendência para utilizar estratégias de *coping* focadas nas emoções, havendo uma maior procura de apoio social, enquanto os homens utilizam mais estratégias de *coping* focadas no problema.

Apesar de vários estudos terem analisados diferenças de género relativamente à utilização das estratégias de *coping*, estas aparentam estar a diminuir e a tornar-se menos consistentes, podendo associar-se este processo às mudanças na sociedade no que diz respeito aos papéis sociais do homem e da mulher, que tendem a aproximar-se (Matud, 2004). Assim, mais estudos que investiguem diferenças de *coping* usadas por indivíduos de sexos diferentes, na idade adulta e na adolescência, são necessários.

Presente estudo

A presente investigação tem como objetivo principal analisar a relação entre as estratégias de *coping* dos pais e as estratégias de *coping* dos filhos, com base na perspetiva sistémica da família., conforme apresentado na Figura 1. Após a revisão de literatura, constatou-se que apesar de ser evidente a importância do papel dos pais no desenvolvimento do *coping* dos filhos adolescentes, poucos são os estudos que tenham investigado, concretamente, a associação entre estratégias de *coping* dos pais e estratégias de *coping* dos filhos.

Assim, como objetivos mais específicos, este estudo pretende: (1) testar os efeitos diretos entre o *coping* funcional e disfuncional dos pais e diferentes estratégias de *coping* dos adolescentes (resolução de problemas, procura de apoio social, evitamento, ruminação e expressão hostil de sentimentos); (2) testar os efeitos diretos entre o *coping* funcional e disfuncional das mães e diferentes estratégias de *coping* dos adolescentes (resolução de problemas, procura de apoio social, evitamento, ruminação e expressão hostil de sentimentos); (3) Investigar diferenças nos efeitos diretos entre o modelo do *coping* dos pais e o modelo do *coping* das mães; (4) Investigar diferenças entre as médias de pais e mães relativamente às estratégias de *coping* utilizadas e (5) Investigar diferenças entre as médias de rapazes e raparigas relativamente às estratégias de *coping* utilizadas

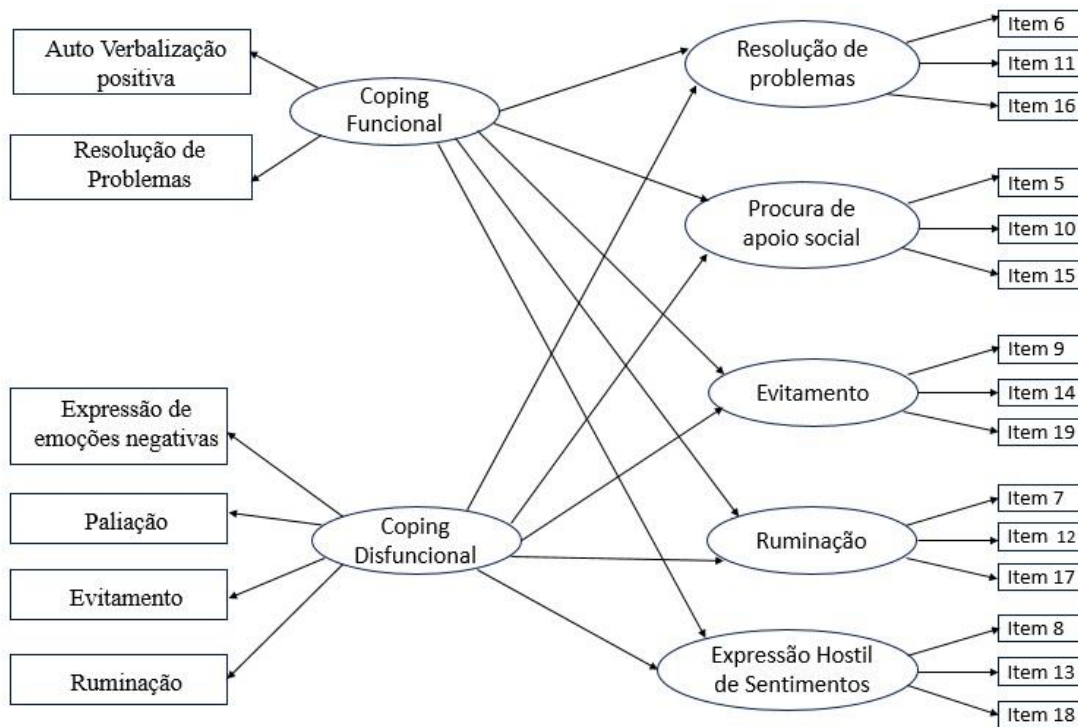


Figura 1. Modelo conceptual proposto da relação entre as estratégias de *coping* dos pais e das mães e as estratégias de *coping* dos filhos adolescentes.

Método

Participantes

O presente estudo foi realizado no âmbito de uma investigação mais vasta denominada “Relações familiares e bem-estar na adolescência: Fatores protetores e de risco em contexto de crise económica”

A amostra final consistiu em 255 famílias completas (765 participantes) (compostas por pai, mãe e filho adolescente), residentes em Portugal, selecionados segundo os seguintes critérios: (1) casais heterossexuais casados ou em união de facto há pelo menos dois anos; (2) casais com filhos a frequentarem o 3º ciclo do ensino básico de escolaridade ou o ensino secundário; (3) ambos os elementos do casal tinham de preencher o protocolo de investigação; (4) capacidade para ler e escrever português.

De acordo com os dados recolhidos através do questionário sociodemográfico, os pais tinham idades compreendidas entre os 30 e os 78 anos ($M= 46,3$; $DP= 6,4$). Com os seguintes níveis de escolaridade: 5% até ao 4º ano, 13% do 5º ano 6º ano, 22% do 7º até ao 9º ano, 31% do 10º ao 12º ano, 23% a pós-licenciatura e 6% de respostas ausentes.

As mães tinham idades compreendidas entre os 29 e os 58 anos ($M = 44,3$; $DP = 5,1$), sendo que 4 % apresentavam até ao 4º ano de escolaridade, 4 % entre o 5º e o 6º ano, 18 % entre o 7º e o 9º ano, 37% entre o 10º e o 12º ano, 29 % licenciatura, 7% pós-licenciatura e 1% não responderam. As familiares eram maioritariamente da área da Grande Lisboa (47.5%) contudo alguns participantes residiam noutros locais do país Centro (29.4%), Norte (16.5), Algarve (3.1%), Alentejo (1.2%) e outra (1.2%) e eram principalmente de etnia caucasiana (87.1%), no entanto alguns participantes incluem-se dentro de outras categorias étnicas, nomeadamente Africana (1.6%), Caucasiana-Africana (0.8%), Asiática (0.8%) e outras (2.7%).

Relativamente aos filhos adolescentes, 57,6% eram do sexo feminino ($N = 147$) e 42,4% do sexo masculino ($N = 108$), com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos ($M = 15,2$; $DP = 1,9$). Quanto à escolaridade 41% dos participantes frequentam o ensino básico (6ºano-1%; 7ºano – 14%; 8ºano-13% e 9ºano-13%) e 59% no ensino secundário (10ºano-21%, 11ºano-15% e 12ºano-23%).

Procedimento

Os participantes foram recrutados através do método “bola-de-neve”, recorrendo aos contactos individuais do grupo de mestradas inseridas no projeto. O consentimento informado foi preenchido pelos pais e adolescentes que concordaram em participar na investigação sobre relações familiares e bem-estar na adolescência. Os questionários foram entregues às famílias em três envelopes, cada envelope continha o protocolo de investigação (um para o filho e um para cada pai). Foram dadas instruções para um preenchimento individual, selando os envelopes quando terminassem. Para garantir o anonimato dos participantes, os protocolos de investigação solicitavam apenas um sistema de codificação familiar, permitindo a agregação dos questionários de uma família. Cada protocolo de investigação continha os contactos das investigadoras principais, com o objetivo de esclarecimento de dúvidas. Os questionários foram posteriormente entregues às mestradas responsáveis pela recolha por método “bola de neve”.

Instrumentos

Coping - pais: O *coping* de cada elemento do casal foi avaliado através do inventário de *coping* individual INCOPE -2R (Bodenmann, 2000; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014). O INCOPE-2R é um instrumento de autorrelato composto por

21 itens, medidos numa escala de Likert de 5 pontos (1= Nunca; 5= geralmente) que pretende avaliar como é que o individuo se sente quando se encontra perante uma situação de *stress*, com base em recordações de situações de *stress* vividas durante a semana que antecede o preenchimento do inventário. O INCOPE -2R inclui as seguintes subescalas: (1) auto verbalização positiva (e.g., “Acalmo-me, conversando comigo de modo positivo”); (2) resolução de problemas (e.g., ”Penso com precisão sobre o que não está bem, e sobre o que deveria fazer ”); (3) expressão de emoções negativas (e.g., “Faço críticas ao/à meu/minha parceiro/a “; (4) palição negativa (e.g., “Comparo-me com outras pessoas”; (5) evitamento (e.g., “Ausento-me, fujo da situação”; (6) ruminação (e.g., “Não consigo afastar os meus pensamentos do que aconteceu”). O coeficiente de consistência interna para cada subescala: α auto verbalização positiva =.72, α resolução de problemas =.69, α expressão de emoções negativas =.56, α palição negativa =.23 e α ruminação =.40.

Coping - adolescentes: O *coping* dos adolescentes foi avaliado através do questionário C&R (Youth Connectedness Project, 2006; versão portuguesa de Crespo & Francisco, 2011). O C&R é um instrumento de autorrelato medido numa escala de 5 pontos (1 = Nunca/Quase Nunca; 5= Sempre/ Quase sempre), em que cada participante deverá assinalar na escala de acordo com a frequência com que costuma pensar/fazer cada item da escala. Este instrumento pretende medir as estratégias de *coping* e a resiliência dos adolescentes. A versão portuguesa é constituída por 5 itens que medem a resiliência e 15 itens que medem as seguintes estratégias de *coping*: (1) procura de apoio social (e.g., “Falo com outras pessoas sobre a forma como me estou a sentir”); (2) resolução de problemas (e.g., “Tento mudar a situação para resolver o problema”); (3) evitamento (e.g., “Evito lidar com os meus problemas”); (4) expressão hostil de sentimentos (e.g., “Entro em lutas ou discuto com as pessoas) e (5) ruminação (e.g. “Penso porque é que não consigo lidar melhor com as coisas?”). Apenas foram utilizados os 15 itens referentes às estratégias de *coping*. Todas as escalas apresentam níveis de consistência interna adequados: α procura de apoio social =.76, α resolução de problemas =.76, α evitamento =.68, α expressão hostil de sentimentos =.62 e α ruminação =.76.

Análises Estatísticas

Numa primeira fase, foi realizada a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão), assim como a análise do padrão de correlações entre as variáveis em estudo, através do *software* estatístico SPSS Statistics 22. Posteriormente, o modelo proposto foi testado através da metodologia de Modelos de Equações Estruturais (SEM), utilizando o *software* estatístico AMOS 22.

O ajustamento do modelo aos dados foi avaliado seguindo os procedimentos propostos por Hu e Bentler (1999), com base no índice de ajustamento: (1) *root-mean-square error of approximation* (RMSEA), sendo indicativo de um bom ajustamento aos dados um valor < 0.06 , e por Bentler e Bonnet (1980), com base nos índices de ajustamento: (2) *comparative fit index* (CFI), e (3) o *goodness of fit index* (GFI). Valores de CFI $> 0,90$, e de GFI $> 0,90$ são indicativos de um bom ajustamento do modelo aos dados segundo os autores. O tratamento dos valores omissos foi efetuado através do algoritmo *Expectation Maximization* (EM), no SPSS, o qual procede ao preenchimento dos valores ausentes através de uma estimativa dos seus parâmetros (Enders, 2010).

Resultados

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Os resultados médios das estratégias de *coping* dos pais e dos adolescentes, bem como os respetivos desvios-padrão, são apresentados na Tabela 1, separados em função do sexo dos participantes. São também apresentados os resultados do teste de diferenças de médias de *T-Student*. No que diz respeito ao *coping* dos pais, verificou-se que as mães apresentam médias significativamente superiores aos pais ao nível das estratégias de ruminação, auto verbalização positiva e palição negativa. Relativamente aos adolescentes não foram encontradas diferenças entre médias estatisticamente significativas em nenhuma das variáveis.

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo dos participantes – n homens=225; n mulheres=225; n rapazes=225; n raparigas=225

Variável	Amplitude	Homens		Mulheres		Rapazes		Raparigas		<i>t</i>	<i>p</i>
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<i>Coping funcional - Pais</i>											
Auto verbalização positiva	1-5	3.27	0.77	3.50	0.76	--	--	--	--	3.63	.00
Resolução de problemas	1-5	3.12	0.64	3.20	0.61	--	--	--	--	1.79	.08
<i>Coping Disfuncional – Pais</i>											
Expressão de emoções negativas	1-5	2.14	0.66	2.24	0.69	--	--	--	--	1.96	.05
Paliação negativa	1-5	2.12	0.66	2.28	0.69	--	--	--	--	3.31	.00
Evitamento	1-5	1.79	0.88	1.74	0.82	--	--	--	--	-.75	.46
Ruminação	1-5	2.97	0.56	3.06	0.62	--	--	--	--	2.27	.02
<i>Coping adaptativo – filhos</i>											
Resolução de problemas	2-5	--	--	--	--	3.56	0.84	3.39	0.60	-1.66	.10
Procura de apoio social	1-5	--	--	--	--	2.90	0.89	3.04	1.02	1.12	.27
<i>Coping desadaptativo- filhos</i>											
Evitamento	1-5	--	--	--	--	2.28	0.91	2.30	0.84	.16	.87
Ruminação	1-5	--	--	--	--	2.46	0.96	2.61	0.89	1.22	.22
Expressão hostil de sentimentos	1-4	--	--	--	--	1.89	0.76	1.94	0.77	.50	.62

Análise de Correlações

Na Tabela 2 e na Tabela 3 encontram-se apresentados os valores das correlações entre as variáveis analisadas, para o *coping* dos pais e para o *coping* das mães, respetivamente. No que diz respeito aos pais, e relativamente ao *coping* funcional, os resultados indicam que a estratégia de auto verbalização positiva se encontra positivamente correlacionada com as estratégias de *coping* de resolução de problemas e de procura de apoio social dos adolescentes. Do mesmo modo, a estratégia de resolução de problemas se encontra positivamente correlacionada com a estratégia de *coping* de procura de apoio social dos jovens. No que concerne ao *coping* disfuncional, verificou-se que a estratégia de expressão de emoções negativas se encontra positivamente correlacionada com a estratégia de *coping* de ruminação e de expressão hostil de sentimentos dos adolescentes. Observaram-se ainda correlações positivas entre a estratégia de palição negativa e a estratégia de *coping* de ruminação dos filhos, bem como entre a estratégia de evitamento de pais e o evitamento dos filhos.

Relativamente às mães, e no que concerne ao *coping* funcional, os resultados indicam que a estratégia de resolução de problemas se encontra positivamente correlacionada com a estratégia de *coping* de expressão hostil de sentimentos dos adolescentes. No que diz respeito ao *coping* disfuncional das mães, verificou-se que tanto a expressão de emoções negativas como o evitamento dos pais se encontram positivamente correlacionadas com o evitamento dos filhos. Constatou-se ainda que a expressão de emoções negativas das mães se encontrava positivamente correlacionada com as estratégias de *coping* de ruminação e expressão hostil de sentimentos dos filhos adolescentes.

Tabela 2*Intercorrelações entre as estratégias de coping dos pais e as estratégias de coping dos filhos adolescentes*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
<i>Coping dos Pais</i>	1.Auto verbalização positiva	--									
	2. Resolução de problemas	.62**	--								
	3.Expressão de emoções negativas	.08	.07*	--							
	4.Paliação negativa	.11	.11	.46**	--						
	5.Evitamento	.02	-.11	.32**	.35**	--					
	6.Ruminação	.02	-.02	.28**	.17**	.04	--				
<i>Coping dos Adolescentes</i>	7.Resolução de problemas	.16*	.10	.07	.02	-.09	.04	--			
	8.Procura de apoio social	.20**	.15**	.03	.05	-.00	.02	.39**	--		
	9.Evitamento	.01	.06	.06	.10	.12*	-.03	-.33**	-.18**	--	
	10.Ruminação	-.01	.10	.13*	.14*	.08	.03	-.05	.02	.37**	--
	11.Expressão hostil de sentimentos	-.04	.04*	.15*	.07	.03	-.09	-.15*	.02	.28**	.32**

Nota. **. A correlação é significativa no nível 0.01 ($p < 0.01$) *. A correlação é significativa ao nível 0.05 ($p < 0.05$)

Tabela 3*Intercorrelações entre as estratégias de coping das mães e as estratégias de coping dos filhos adolescentes*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Coping dos Pais	1.Auto verbalização positiva	--									
	2. Resolução de problemas	.52**	--								
	3.Expressão de emoções negativas	.05	.12*	--							
	4.Paliação negativa	.07	.10	.39**	--						
	5.Evitamento	.04	-.14*	.31**	.24**	--					
	6.Ruminação	-.12	-.04	.24**	.31**	.03	--				
Coping dos Adolescentes	7.Resolução de problemas	.05	.03	.01	.02	-.01	.01	--			
	8.Procura de apoio social	-.02	-.02	-.01	-.01	-.03	.03	.39**	--		
	9.Evitamento	.01	.37	.14*	.08	.21**	.09	-.33**	-.19**	--	
	10.Ruminação	.09	.08	.12*	.07	.12	.12	-.05	-.02	.37**	--
	11.Expressão hostil de sentimentos	.12	.14*	.12*	.09	.09	.07	.01	.02	.28**	.32**

Nota. **. A correlação é significativa ao nível 0.01 ($p < 0.01$) *. A correlação é significativa ao nível 0.05 ($p < 0.05$)

A relação entre as estratégias de *coping* dos pais e das mães e as estratégias de *coping* dos adolescentes

Ajustamento do modelo aos dados:

Os índices de ajustamento revelaram uma boa adequação aos dados tanto para o modelo do coping dos pais [χ^2 (176, $N = 255$) = 298,26, $p < .001$; GFI = .90; CFI = .91; RMSEA = .05.] como para o modelo do coping das mães [χ^2 (174, $N = 255$) = 284,56, $p < .001$; GFI = .90; CFI = .91; RMSEA = .05.].

Efeitos Diretos

Os resultados demonstraram a existência de efeitos diretos entre o *coping* dos pais e o *coping* dos filhos adolescentes, tal como apresentado na Figura 2.

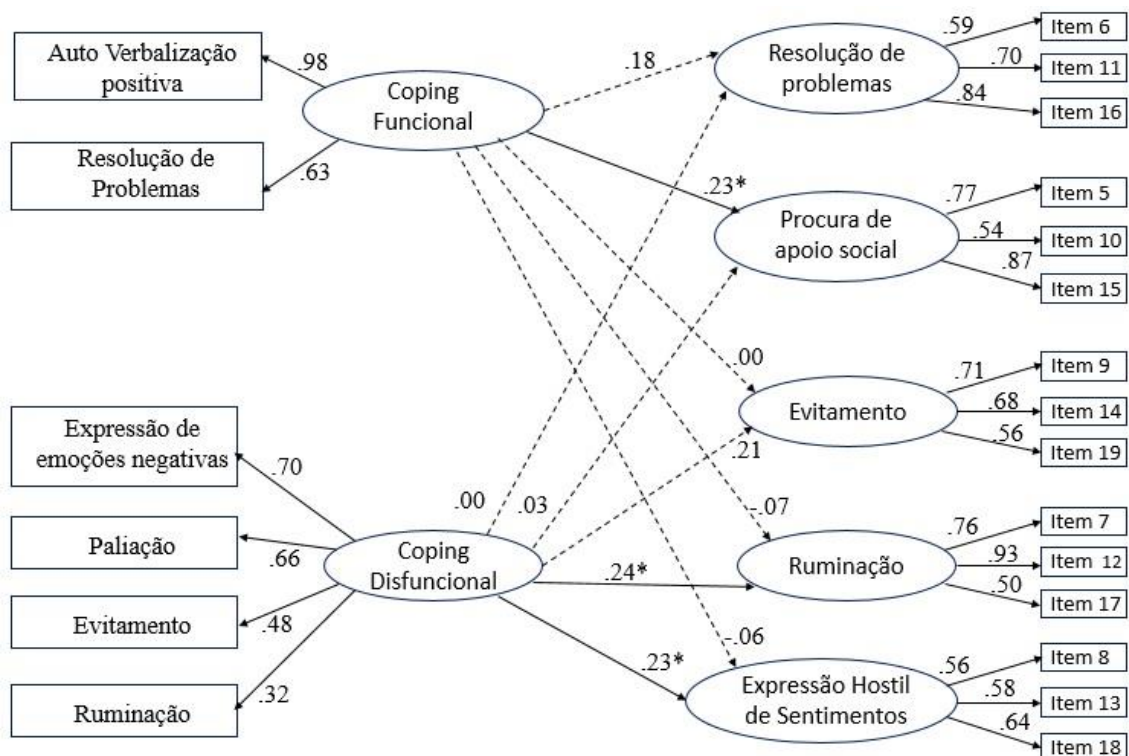


Figura 2. Modelo estrutural da relação entre as estratégias de *coping* dos pais e as estratégias de *coping* dos filhos adolescentes.

Relativamente ao *coping* dos pais, os resultados encontrados no presente estudo indicaram a presença de efeitos diretos entre o *coping* funcional e disfuncional dos pais e as estratégias de *coping* dos adolescentes. Mais concretamente, o *coping* funcional dos pais mostrou-se diretamente relacionado com o uso da estratégia de *coping* de procura de apoio social ($\beta=.23, p <.05$), por parte dos adolescentes. Por outro lado, foi ainda observado um efeito direto entre o *coping* disfuncional dos pais e o uso das estratégias de *coping* de ruminação ($\beta =.24, p <.05$) e expressão hostil de sentimentos ($\beta =.23, p <.05$) dos filhos. Não foram encontrados efeitos diretos significativos entre o *coping* funcional dos pais e a estratégia de *coping* de resolução de problemas dos adolescentes ($\beta =.18, p >.05$), nem entre o *coping* disfuncional dos pais e a estratégia de *coping* de evitamento dos adolescentes ($\beta =.21, p >.05$).

Os resultados demonstraram também a existência de efeitos diretos entre o *coping* das mães e o *coping* dos filhos adolescentes, tal como apresentado na Figura 3.

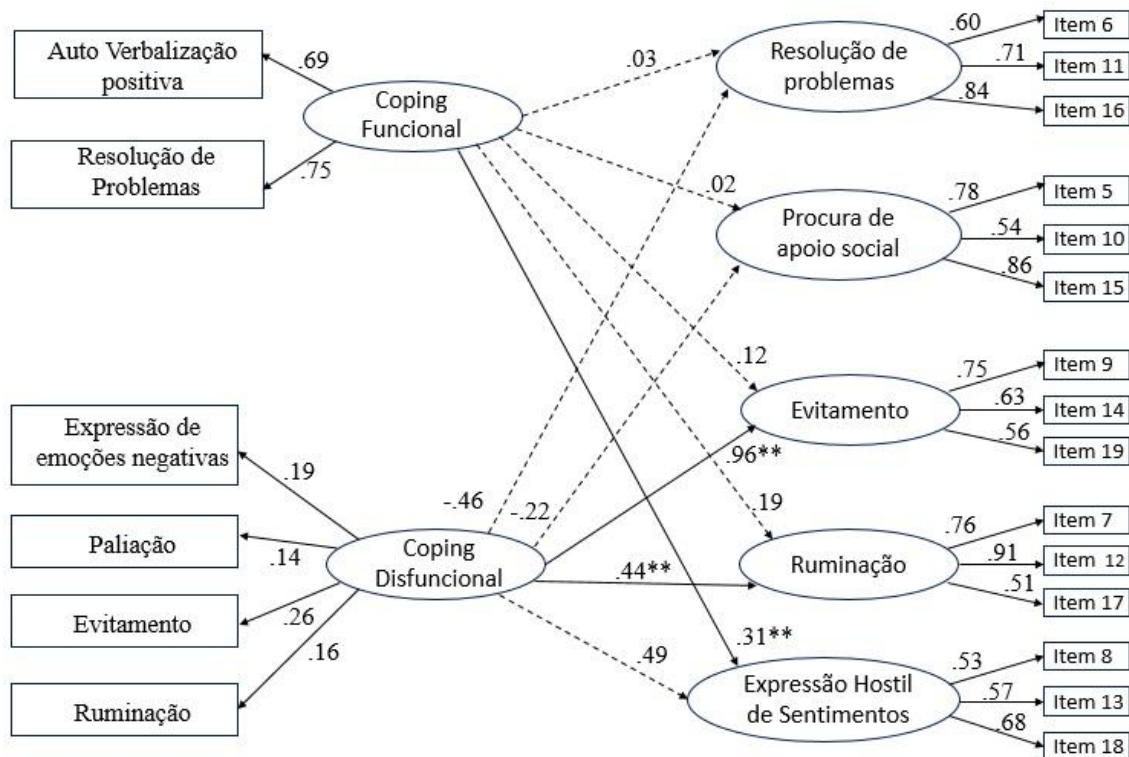


Figura 3. Modelo estrutural da relação entre as estratégias de *coping* das mães e as estratégias de *coping* dos filhos adolescentes.

No que diz respeito ao *coping* das mães, os resultados sugeriram a presença de efeitos diretos entre o *coping* disfuncional das mães e o *coping* dos adolescentes, nomeadamente, ao nível da utilização das estratégias de evitamento ($\beta = .96, p < .05$) e ruminação ($\beta = .45, p < .05$). Constatou-se também a presença de efeitos diretos entre o *coping* funcional das mães e a estratégia de *coping* de expressão hostil de sentimentos dos filhos ($\beta = .31, p < .05$). Não se verificaram efeitos diretos significativos entre o *coping* funcional das mães e as estratégias de *coping* de resolução de problemas e de procura de apoio social ($0 < \beta > 1, p > .05$) dos filhos.

Discussão dos Resultados

O presente estudo pretendeu contribuir para a área de estudos sobre as variáveis que poderão influenciar os processos de *coping* na adolescência, ao investigar a relação entre as estratégias de *coping* funcional e disfuncional de pais e mães, e as estratégias de *coping* dos filhos adolescentes. Embora a literatura saliente a importância dos pais no modo como os adolescentes lidam com as situações de *stress*, em geral, e nas estratégias de *coping* dos filhos, em particular (Kliewer, Fearnow & Miller, 1996; Cappa et. al, 2011), pouco ainda se sabe sobre o papel do *coping* dos progenitores no *coping* dos jovens, sendo que o presente estudo é um dos poucos a investigar esta associação.

Relativamente à relação entre o *coping* do pai e o *coping* dos adolescentes, os resultados indicaram a existência de efeitos diretos entre o *coping* funcional do pai e procura de apoio social dos adolescentes, uma estratégia de *coping* adaptativo, assim como entre o *coping* disfuncional do pai e o uso das estratégias de ruminação e de expressão hostil de sentimentos dos filhos, estratégias de *coping* desadaptativo.

No que diz respeito ao *coping* da mãe, verificou-se a presença de efeitos diretos entre o seu *coping* disfuncional e duas estratégias de *coping* desadaptativo dos jovens, mais concretamente, o evitamento e a ruminação. Constatou-se ainda uma relação direta entre o *coping* funcional da mãe e o uso da expressão hostil de sentimentos, por parte dos filhos.

Estes resultados são consistentes com estudos anteriores (e.g., Kliewer, Fearnow & Miller, 1996) que indicam que as estratégias de *coping* dos progenitores são importantes para o desenvolvimento dos processos de *coping* dos filhos, uma vez que estes vão desenvolvendo as suas estratégias de *coping* ao observarem os pais a lidar com

situações de *stress*, um processo denominado de modelagem. Os mesmos autores referem ainda que os pais podem também sugerir diferentes estratégias de *coping* aos filhos para que estes resolvam as situações de *stress* com maior sucesso. Por outro lado, os resultados do presente estudo parecem ser congruentes com estudos anteriores de regulação emocional (e.g., Yap, Allen, & Sheeber, 2007), que sugerem que os pais são um importante agente de regulação emocional para os adolescentes na medida em que desempenham um papel de suporte (Bariola et al., 2011; Yap et al., 2007) que permite aos jovens a experimentação e expressão de diferentes emoções em segurança (Gross & Thompson, 2007), numa idade pautada pela ocorrência de diferentes alterações que despoletam novas experiências emocionais nos jovens, e na qual o uso de estratégias de regulação emocional eficazes se torna fundamental (Steinberg, 2005). Alguns autores têm sugerido que os mecanismos de *coping* dos adolescentes são influenciados pelo seu desenvolvimento emocional (e.g., Hutchinson, Baldwin & Oh, 2006), assim, os presentes resultados poderão indicar que, do mesmo modo que os progenitores influenciam o desenvolvimento de regulação emocional dos filhos adolescentes, como principais agentes de socialização, como indicado pela investigação (Bariola et al., 2011; Morris et al., 2007) também o *coping* dos progenitores parece relacionar-se com o *coping* dos filhos.

Os resultados do presente estudo parecem também ser congruentes com os resultados do estudo anterior de regulação emocional de Larson & Almeida (1999), que demonstrou que parece haver mais facilidade na transmissão de emoções negativas entre os progenitores e os filhos adolescentes. Alguns estudos indicam que, os pais transmitem as suas emoções aos filhos (Larson & Richards, 1994), e uma vez que há maior facilidade em transmitir as emoções negativas, poderá pressupor-se que o mesmo acontece com o *coping*, explicando assim os resultados que evidenciam o efeito direto do *coping* disfuncional, de ambos os progenitores, no *coping* desadaptativo dos filhos.

Relativamente ao efeito direto encontrado entre o *coping* funcional do pai e o *coping* adaptativo dos filhos, concretamente no uso da estratégia de procura de apoio social, que pressupõe a procura de apoio social para desabafar e para sentir conforto, este poderá ser explicado de acordo com as investigações acerca da regulação emocional (e.g., Schneiders et al., 2006). Os autores verificaram que as emoções positivas são experienciadas maioritariamente na presença dos progenitores, comparativamente com outros contextos de vida distintos do familiar. Assim, tendo em conta que os progenitores

transmitem as suas emoções aos filhos (Larson & Richards, 1994), e partindo da hipótese colocada anteriormente, de que a influência dos progenitores na regulação emocional dos filhos se relacione com a relação entre as estratégias de *coping* dos progenitores e as estratégias de *coping* dos filhos, poderá supor-se que o mesmo se verifica para o *coping*. Contudo apenas a realização de mais estudos poderão ajudar a compreender este resultado. Este efeito verificou-se apenas entre o *coping* do pai e o *coping* dos filhos adolescentes, o que poderá ser explicado pelo facto de hoje em dia, o homem ter um papel mais ativo na educação dos filhos (Cia et al., 2006).

Outro resultado interessante encontrado no presente estudo prende-se com o fato de se ter observado um efeito direto entre o *coping* funcional da mãe e o *coping* desadaptativo dos filhos, nomeadamente no uso da estratégia de *coping* de expressão hostil de sentimentos, mas não entre o *coping* funcional do pai e o *coping* desadaptativo dos filhos. Segundo Bariola e colaboradores (2011), as mães parecem estar mais envolvidas do que os pais no processo de socialização emocional durante a adolescência, em particular, na expressão emocional dos filhos, uma vez que a figura materna continua a ser a mais utilizada como fonte de suporte afetivo (Buist, Dekovic, Meeus & Van Aken, 2002). Este dado poderá ajudar a explicar o fato do efeito apenas se verificar entre mães e filhos. Relativamente ao efeito direto concretamente, entre o *coping* funcional da mãe e a estratégia de expressão hostil de sentimentos, é importante salientar que foi um dado não esperado, contudo poderá ser explicado com base no tipo de conflitos que os adolescentes experimentam nesta fase da sua vida. Segundo Seiffge-Krenke (2004), 82% das situações de *stress* dos adolescentes são questões associadas a acontecimentos que envolvem as relações sociais, sobretudo os pares, havendo uma intensa adesão aos valores e normas que regem os seus grupos (Pratta & Santos, 2007). Desta forma, perante as situações de *stress* os adolescentes sentem-se inúmeras vezes confusos e incompreendido pelos pais (Pratta & Santos, 2007), podendo-se colocar a hipótese de que as estratégias de *coping* funcional das mães poderão não ser vistas pelo adolescente como adequadas para ultrapassar os seus problemas, uma vez que as mães não experienciam o mesmo tipo de *stress* que os filhos. Deste modo, os adolescentes poderão experimentar sentimentos de frustração, que são expressos de forma hostil, como por exemplo gritando ou falando alto como corresponde o item 13 da sub escala da estratégia de *coping* de expressão hostil de sentimentos.

É ainda de salientar que os resultados deste estudo são incongruentes com os resultados de um dos poucos estudos que avaliam o *coping* dos pais e dos adolescentes. Mais concretamente, Seiffge-Krenke & Pakalniskiene (2011) não encontraram efeitos diretos significativos entre o *coping* dos progenitores e o *coping* dos filhos. Os autores explicam os resultados encontrados com a possível diminuição do tempo que os adolescentes passam com os pais e com a maior influência dos pares durante esta fase. Contudo, os resultados do presente estudo revelaram a existência de efeitos diretos entre o *coping* dos progenitores e o dos adolescentes. Esta discrepância entre os resultados poderá dever-se a diferenças: (1) na média de idades dos participantes adolescentes. De acordo com Kavsek & Seiffge-Krenke (1996), verifica-se uma instabilidade nas estratégias de coping durante a adolescência, pois estas dependem do desenvolvimento do adolescente, que está em constante mudança (Hutchinson, Baldwin & Oh, 2006), bem como da influência dos diferentes contextos (Alarcão, 2002). Esta instabilidade deve-se sobretudo à idade, sendo que em idades entre os 12 e os 14 anos há ainda flutuações nas escolhas das estratégias, sendo os 15 anos a idade em que há uma consolidação das mudanças a nível do desenvolvimento e conseqüentemente dos mecanismos de *coping* (Seiffge-Krenke et al. 2001). Neste sentido comparando a média de idades, no estudo de Seiffge-Krenke & Pakalniskiene (2011) verifica-se uma média de 13 anos enquanto que no presente estudo se verifica uma média de idades de 15 anos. Assim, a diferença entre as médias de idades, apresentadas pelos dois estudos, poderá ter contribuído para os diferentes resultados encontrados, sendo que no presente estudo os resultados poderão ter sido significativos devido à maior estabilidade das estratégias; (2) na metodologia, sendo que Seiffge-Krenke & Pakalniskiene (2011) realizaram um estudo de natureza longitudinal enquanto que o presente estudo diz respeito a um estudo transversal. Deste modo, uma avaliação longitudinal pressupõe uma compreensão mais profunda sobre as relações entre as variáveis observadas que poderá explicar os resultados obtidos comparativamente ao presente estudo, que se focou apenas num único momento. Importa ainda referir que, conhecer a natureza do problema em que, pais e filhos, se focaram para responder aos questionários do presente estudo, poderia ajudar a uma melhor compreensão dos resultados, na medida em que, cada problema poderá pressupor diferentes estratégias e a relação, ou não, então as estratégias dos progenitores e as dos adolescentes.

Deste modo, o presente estudo contribui para a literatura, ainda escassa, sobre a associação entre o *coping* dos progenitores e o *coping* dos adolescentes. Contudo, ainda é necessária investigação neste campo que permita clarificar esta relação.

No que diz respeito às diferenças encontradas na relação entre o *coping* do pai e o dos adolescentes, e o *coping* da mãe e o dos adolescentes, verificou-se a existência de um efeito entre o *coping* funcional e disfuncional no *coping* dos filhos de um modo geral, em contraste com os resultados obtidos por tanto para o *coping* do pai como para o *coping* da mãe, sendo o efeito direto do *coping* disfuncional mais visível do que o do *coping* funcional que poderá dever-se, como referido anteriormente, à maior transmissão de emoções negativas (e.g., Larson & Almeida, 1999).

Relativamente à análise das diferenças nas médias nas variáveis em estudo, foram apenas encontradas diferenças significativas para as estratégias de *coping* dos progenitores. Em particular, os resultados indicam que as mães apresentam médias significativamente superiores aos pais ao nível das estratégias de ruminação, auto verbalização positiva e palição negativa. Estes resultados são consistentes com os estudos anteriores (Marceau, Zahn-Waxler, Shirtcliff, Schreiber, Hastings & Klimes-Dougan, 2015; Menéndez et al., 2012; Stambor, 2006; Tobin et. al., 2000) que sugerem que as mulheres parecem evidenciar uma maior tendência para utilizarem estratégias focadas nas emoções, recorrendo sobretudo ao uso da estratégia de *coping* de ruminação, comparativamente aos homens, que recorrem maioritariamente a estratégias de *coping* focadas no problema. Por outro lado não foram encontradas diferenças significativas nas variáveis em estudo nos adolescentes. Tal poderá estar relacionado com a distribuição dos participantes na amostra do estudo, uma vez que havia um desequilíbrio em relação ao número de participantes do sexo masculino (N =108) e do sexo feminino (N= 147). Contudo, importa referir que os resultados foram de encontro ao que é descrito pela literatura, pois de acordo com De Boo & Spiering (2010) as raparigas tendem a utilizar mais estratégias focadas na emoção perante situações de *stress*, recorrendo sobretudo à estratégia de evitamento, e ruminação (Low et al., 2012), sendo socialmente mais orientadas para o apoio social Cicognani (2011), com tendência para utilizar estratégias centradas na emoção (e.g. expressão de emoções). (Heckhausen e Schulz (1995), pelo contrário, constatou, que os rapazes tentem, perante situações de *stress*, a recorrer a estratégias de *coping* orientadas para a resolução do problema e para a positivação dos eventos stressantes (Low et al., 2012).

Os resultados da presente investigação sugerem, por um lado, um efeito significativo do *coping* do pai no *coping* dos adolescentes, dado que parece assumir-se como um reflexo da evolução do papel do homem no envolvimento com os filhos, e por outro lado, o efeito do *coping* funcional das mães na estratégia de *coping* expressão hostil de sentimentos, uma estratégia de *coping* desadaptativa, suscitando a curiosidade e constituindo um dado que fundamenta a continuação de investigações neste sentido de forma a compreender melhor o papel dos progenitores nos processos de *coping* dos adolescentes.

Limitações e Implicações Futuras

Em primeiro lugar, é de referir que o fato da amostra, ser constituída por mais adolescentes do sexo feminino poderá ter influenciado os resultados, podendo o padrão de resultados ser diferente se houvesse uma distribuição mais equilibrada do número de rapazes e raparigas participantes que participaram no estudo. Em segundo lugar, o presente estudo considerou apenas medidas de autorrelato, as quais estão sujeitas a questões de desejabilidade social. O fato dos protocolos terem sido respondidos em casa, poderá ter acentuado as questões de desejabilidade social, pois não foi garantido de que os casais tenham respondido aos questionários separadamente. Caso tal aconteça, a sua veracidade poderá ficar comprometida, influenciando assim as respostas dos participantes, e nesse caso, consequentemente, os resultados.

Outra das limitações do presente estudo prende-se com a natureza transversal do estudo, que não permite inferir causalidade e averiguar a direção dos efeitos, de modo a poder-se observar, não só, efeitos do *coping* dos progenitores no *coping* dos filhos, como também efeitos do *coping* dos filhos no *coping* dos progenitores.

Os resultados constituem ainda um ponto de partida para futuras investigações que ajudem a clarificar como ocorrem estes efeitos diretos, nomeadamente estudos que procurem perceber se outros fatores contribuem para os processos de *coping* na adolescência poderão influenciar esta relação direta entre o *coping* dos pais e o *coping* dos filhos, como por exemplo, a qualidade da relação pais-filhos, o ambiente e a estrutura familiar e a vinculação aos pais (e.g., Kliwer, Fearnow & Miller, 1996; Duarte, 2014), bem como as especificidades da adolescência e contribuição dos vários contextos em que se insere o adolescente, principalmente o papel dos pares.

Apesar dos contributos significativos, a investigação teria beneficiado de outro tipo de análises, nomeadamente teria sido interessante analisar a existência de efeitos moderadores em função do sexo ou da idade dos adolescentes, de modo a compreender melhor o impacto e as diferenças para rapazes e raparigas.

Conclusão

A adolescência constitui-se a fase de maior mudança e desafio para o indivíduo, sendo várias as tarefas de desenvolvimento que se prendem pela alteração da relação com os pais, com os pares, bem como a construção de uma identidade sexual entre outras (Sampaio, 1991). Neste sentido, são várias os problemas e situações que fogem ao seu controlo, pelo que a capacidade de resolver e de ultrapassar as exigências destas tarefas torna-se fundamental para um bom desenvolvimento o ajustamento do adolescente.

Ao longo dos anos, vários têm sido os estudos realizados no sentido de compreender como é que os adolescentes desenvolvem as estratégias de coping utilizadas, procurando conhecer as possíveis variáveis preditoras. Sendo o papel dos pais um dos fatores de maior influência torna-se fulcral compreender a relação entre o *coping* dos pais e o *coping* dos adolescentes. Neste sentido, a presente investigação constitui mais um passo na compreensão do papel do *coping* dos progenitores no desenvolvimento dos processos de *coping* dos filhos adolescentes, ao ter analisado efeitos diretos entre as estratégias de *coping* dos pais e dos jovens, salientado a importância que a forma como os progenitores lidam com o *stress* tem na forma como os adolescentes também lidam com situações difíceis.

Uma outra conclusão relevante prende-se com o fato de terem sido encontrados resultados significativos, que sugerem que, apesar do processo de autonomia e individuação do adolescente, altura em que os pares assumem especial relevância, os pais continuam a ser um dos fatores mais importantes no desenvolvimento dos adolescentes, evidenciando o papel da família enquanto sistema, o principal contexto em que o desenvolvimento humano ocorre (Bronfenbrenner, 1986), naquela que é considerada a etapa mais longa e difícil do ciclo vital, na medida em que é exigido um permanente equilíbrio entre as exigências dos sistema familiar e as aspirações de cada membro que constitui a família (Alarcão, 2002).

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares*. (2nd ed). Coimbra: Quarteto.
- Bariola, E., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2011). Child and adolescent emotion regulation: The role of parental emotion regulation and expression. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *14*, 198-21. doi: 10.1007/s10567-011-0092-5
- Bentler, P., & Bonnet, D. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, *88*, 588-606. doi: 10.1037/0033-2909.88.3.588
- Bertalanffy, L. V. (1968). *General system theory: Foundations, development, applications*. London: Allen Lane.
- Blalock, J. A., & Joiner, T. E. (2000). Interaction of cognitive avoidance coping and stress in predicting depression/anxiety. *Cognitive Therapy and Research*, *24*(1), 47-65. doi: 10.1023/A:1005450908245
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental psychology*, *22*, 723-742. doi: 10.1037/0012-1649.22.6.723
- Buist, K.L., Dekovic, M., Meeus, W & van Aken, M.A. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, *31*(3), 167-176. doi: 10.1023/A:1015074701280
- Câmara, S.G., & Castellá, J. S. (2003). Estilos de coping na predição de bem-estar psicológico de adolescentes. *Aletheia* (*17/18*), 83-93.
- Cappa, K. A., Begle, A. M., Conger, J. C., Dumas, J. E., & Conger, A. J. (2011). Bidirectional relationships between parenting stress and child coping competence: Findings from the pace study. *Journal of Child and Family Studies*, *20*, 334 – 342. doi: 10.1007/s10826-010-9397-0
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo* *11*(1), 73-81. doi: 10.1590/S1413-73722006000100009

- Cicognani, E. (2011). Coping Strategies With Minor Stressors in Adolescence: Relationships With Social Support, Self-Efficacy, and Psychological Well-Being. *Journal of Applied Social Psychology, 41*(3), 559-578. doi:10.1111/j.1559-1816.2011.00726.x
- Cleto, P., & Costa, M. E. (1996). Estratégias de coping no início da adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 93-102.
- Compas, B. E. (2009). Coping, regulation, and development during childhood and adolescence. *New directions for child and adolescent development, 2009*(124), 87-99. doi: 10.1002/cd.245
- Compas, B. E., Connor-Smith, J. K., Saltzman, H., Thomsen, A. H., & Wadsworth, M. E. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence: Problems, progress, and potential in theory and research. *Psychological Bulletin, 127*, 87-127.
- Compas, B. E., Davis, G. E., Forsythe, C. J., & Wagner, B. M. (1987). Assessment of Major and Daily Stressful Events During Adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55*(4), 534-541.
- Couceiro, A. G. (2008). A avaliação das estratégias de coping nas crianças e adolescentes: Questões desenvolvimentistas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia- Universidade de Lisboa.
- Crespo, C., & Francisco, R. (2011). *Coping & Resiliência [adaptado de Youth Connectedness Project, Roy MckKenzie Centre for the Study of Families, NZ] (versão para investigação): Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.*
- De Boo, G. M., & Spiering, M. (2010). Pre-adolescent gender differences in associations between temperament, coping, and mood. *Clinical Psychology & Psychotherapy, 17*(4), 313-320. doi: 10.1002/cpp.664
- Dell'Aglio, D. D. (2000). O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes. Dissertação de Doutorado -Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Dell'Aglio, D. D. (2003). O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia, 11*(1), 38-45.

- Duarte, M. S. L. (2014). A influência da percepção da vinculação aos pais no uso de estratégias de regulação emocional em adolescentes. Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra.
- Enders, C. K. (2010). *Applied missing data analysis* (Ed). NY:Spring Street.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middleaged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, *21*, 219-239.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, *39*, 281-291.doi: 10.1017.S0048577201393198
- Jose, P. E. & Kilburg III, D. (2007). Stress and coping in japanese children and adolescents. *Anxiety, Stress, & Coping*, *20* (3), 283-298.doi: 10.1080/10615800701272519
- Hampel, P. (2007). Brief report: Coping among Austrian children and adolescents. *Journal of Adolescence*, *30*, 885-890. doi:10.1016/j.adolescence.2007.04.005
- Heckhausen, J., & Schulz, R. (1995). A life-span theory of control. *Psychological Review*, *102*(2), 284-304.
- Hu, L., & Bentler, P. M.(1999). Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, *6*(1), 1191-1202.doi: 10.1080/10705519909540118
- Hussong, A. M., & Chassin, L. (2004). Stress and coping among children of alcoholic parents through the young adult transition. *Development and Psychopathology*, *16*(4), 985–1006.
- Hutchinson, S. L., Baldwin, C. K., & Oh, S. S. (2006). Adolescent coping: Exploring adolescents' leisure-based responses to stress. *Leisure Sciences*, *28*(2), 115-131.doi: 10.1080/01490400500483984
- Kavsek, M. & Seiffge-Krenke (1996). The differentiation of coping traits in adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, *19*(3), 651-668.doi: 10.1177/016502549601900312

- Kliewer, W., Fearnow, M. D., & Miller, P. A. (1996). Coping socialization in middle childhood: Tests of maternal and paternal influences. *Child Development, 67*, 2339-2357. doi: 10.2307/1131627
- Larson, R. W., & Almeida, D. M. (1999). Emotional transmission in the daily lives of families: A new paradigm for studying family process. *Journal of Marriage and the Family, 61*, 5-20. doi: 10.2307/353879
- Larson, R. W., & Richards, M. H. (1994). Family emotions: Do young adolescents and their parents experience the same states? *Journal of Research on Adolescence, 4*(4), 567-583. doi: 10.1207/s15327795jra0404_8
- Larson, R., Moneta, G., Richards, M., & Wilson, S. (2002). Continuity, stability, and change in daily emotional experience across adolescence. *Child Development, 73*, 1151-1165. doi: 10.1111/1467-8624.00464
- Low, N. C. P., Dugas, E., O'Loughlin, E., Rodriguez, D., Contreras, G., Chaiton, M., & O'Loughlin, J. (2012). Common stressful life events and difficulties are associated with mental health symptoms and substance use in young adolescents. *BMC Psychiatry, 12*, 116-125. doi:10.1186/1471-244X-12-116
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer
- MacCann, C., Fogarty, G. J., Zeidner, M., & Roberts, R. D. (2011). Coping mediates the relationship between emotional intelligence (EI) and academic achievement. *Contemporary Educational Psychology, 36*(1), 60-70. doi: 10.1016/j.cedpsych.2010.11.002
- Marceau, K., Zahn-Waxler, C., Shirtcliff, E. A., Schreiber, J. E., Hastings, P., & Klimes-Dougan, B. (2015). Adolescents', mothers', and fathers' gendered coping strategies during conflict: Youth and parent influences on conflict resolution and psychopathology. *Development and psychopathology, 27*(4), 1025-1044. doi: 10.1017/S0954579415000668.
- Matud, M. P. (2004). Gender differences in stress and coping styles. *Personality & Individual Differences, 37*, 1401-1415. doi:10.1016/j.paid.2004.01.010

- Matos, M. G., Gaspar, T., & Cruz, J. (2013). New Highlights About Worries, Coping, and Well-Being During Childhood and Adolescence. *Psychological Research*, 3, 252-260.
- Meléndez, J. C., Mayordomo, T. Sancho, P., & Tomás, J. M. (2012). Coping strategies: gender differences and development throughout life span. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(2), 1089-1098.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (2007). *Técnicas de terapia familiar* (C. Kinsch & M. Maia, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1981)
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388.doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x
- Piko, B. (2001). Gender Differences and Similarities in Adolescents' Ways of Coping. *The Psychological Record*, 51, 223-235.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.doi: 10.1590/S1413-73722007000200005
- Raimundo, R. (2005). Conflito entre pares e estratégias de coping em crianças e adolescentes, com e sem comportamentos agressivos, em contexto escolar. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Sampaio, D. (1984). Terapia familiar sistémica: Um novo conceito, uma nova prática. *Acta Médica Portuguesa*, 5, 67-70.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho: o adolescente e o suicídio*. Lisboa: Caminho.
- Schneiders, J., Nicolson, N. A., Berkhof, J., Feron, F. J., van Os, J., & de Vries, M. W. (2006). Mood reactivity to daily negative events in early adolescence: Relationship to risk for psychopathology. *Developmental Psychology*, 42(3), 543-554.doi:10.1037/0012-1649.42.3.543

- Stambor, Z. (2006) Stressed out nation. *Monitor on Psychology*, 37(4), 28.doi: 0.1037/e494972006-019
- Seiffge-Krenke, I. (2004). Adaptative and maladaptative coping styles: Does intervention change anything? *European Journal of Developmental Psychology*, 1(4), 367-382.doi: 10.1080/17405629.2004.11453396
- Seiffge-Krenke, I. & Beyers, W. (2005). Coping trajectories from adolescence to young adulthood: Links to attachment state of mind. *Journal of Research on Adolescence*, 15(4), 561-582.doi: 10.1111/j.1532-7795.2005.00111.x
- Seiffge-Krenke, I., & Pakalniskiene, V. (2011). Who shapes whom in the family: Reciprocal links between autonomy support in the family and parents' and adolescents' coping behaviors. *Journal of Youth and Adolescence*, 40(8), 983-995.doi: 10.1007/s10964-010-9603-9
- Seiffge-Krenke, I., Weidemann, S., Fentner, A, Aegenheister, N. & Poebblau, M. (June 2001). Coping with school-related stress and family stress in healthy and clinically refered adolescents. *European Psychologist*, 6(2), 123-132.doi: 10.1027//1016-9040.6.2.123
- Skinner, E., & Zimmer-Gembeck, M. (2007). The Development of Coping. *Annual Review of Psychology*, 58, 119-144. doi:10.1146/annurev.psych.58.110405.085705
- Skinner, E. A., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2009). Challenges to the developmental study of coping. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2009, 5- 17. doi: 10.1002/cd.239.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(2), 69-74.doi:10.1016/j.tics.2004.12.005
- Tobin, R. M., Graziano, W. G., Vanman, E. J., & Tassinary, L. G. (2000). Personality, emotional experience, and efforts to control emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 656-669.

- Yap, M. B. H., Schwartz, O. S., Byrne, M. L., Simmons, J. G., & Allen, N. B. (2010). Maternal positive and negative interaction behaviors and early adolescents' depressive symptoms: Adolescent emotion regulation as a mediator. *Journal of Research on Adolescence*, 20(4), 1014-1043. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00665.x
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2008). Adolescents Coping with Stress: Development and Diversity. *The Prevention Researcher*, 15, 3-7. doi: 10.1093/oxfordhb/9780195375343.013.0003
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2011). Review: The development of coping across childhood and adolescence: An integrative review and critique of research. *International Journal of Behavioral Development*, 35(1), 1-17. doi: 10.1177/0165025410384923

Anexos

Anexo A – Consentimento informado

Consentimento Informado

“Relações familiares e bem-estar na adolescência:

Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual. A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): _____

Data: ___ / ___ / ____

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

Anexo B: Protocolo de investigação – Versão
Pais



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Versão Pais

Código | _ | _ | _ | _ |

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ___ / ___ / ____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo

Feminino Masculino

2. Idade

___ anos

3. Local de Residência

4. Nível de escolaridade

Até 4º ano

5º a 6º ano

7º a 9º ano

10º a 12º ano

Licenciatura

Pós-licenciatura

5. Profissão

A) Estatuto ocupacional

• Trabalho a tempo inteiro

• Trabalho a tempo parcial

Por favor indique a sua profissão _____

B) Situação laboral actual

• Desemprego

• Reforma

• Trabalhador independente

• Trabalhador por conta de outrem

6. Estado Civil

Casado/União de Facto Há quanto tempo? _____ anos

Recasado ou em nova união de facto Há quanto tempo? _____ anos

Divorciado/Separado

Solteiro

Viúvo

7. Quantos filhos tem, de que idade e de que sexo? Indique se são filhos biológicos ou não.

8. Informação acerca do(a) filho(a) sobre o(a) qual vai responder ao questionário

Idade _____ Sexo _____ Ano de escolaridade _____

9. É crente em alguma religião?

Não Sim Qual? _____ É praticante? Não Sim

10. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

Nunca teve Teve no passado Tem actualmente

11. Qual é, aproximadamente, o rendimento mensal líquido da sua família (ou seja, quanto é que você e o seu cônjuge ganham por mês, em conjunto, após o desconto da segurança social e outros impostos)?

_____ euros por mês

12. O valor de rendimento mensal líquido da sua família, indicado na questão anterior, sofreu alterações no último ano?

O valor **diminuiu** O valor **manteve-se** O valor **aumentou**

Se diminuiu, quanto diminuiu? Até 10% Entre 10-20% Entre 20-30% Mais de 30%

Se aumentou, quanto aumentou? Até 10% Entre 10-20% Entre 20-30% Mais de 30%

13. Qual é, aproximadamente, o rendimento anual líquido da sua família?

Até 4898€ por ano	<input type="checkbox"/>	Entre 42259€ e 61244€	<input type="checkbox"/>
Entre 4898€ e 7410€	<input type="checkbox"/>	Entre 61244€ e 66045€	<input type="checkbox"/>
Entre 7410€ e 18375€	<input type="checkbox"/>	Entre 66045€ e 153300€	<input type="checkbox"/>
Entre 18375€ e 42259€	<input type="checkbox"/>	Mais de 153300€	<input type="checkbox"/>

14. Alguma das seguintes mudanças ocorreu no seu trabalho no último ano?

- Mudei para um trabalho pior
- Fui despromovido(a)
- Fui despedido(a)
- Outras mudanças negativas no trabalho (por exemplo, aumento de horas de trabalho)
- Nenhuma das mudanças anteriores

15. Por favor responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue:

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família	1	2	3	4	5
2. Temos dinheiro suficiente para comprar a roupa que precisamos	1	2	3	4	5
3. Temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa	1	2	3	4	5
4. Temos dinheiro suficiente para ter o carro que precisamos	1	2	3	4	5
5. Temos dinheiro suficiente para comprar a comida que precisamos	1	2	3	4	5
6. Temos dinheiro suficiente para os cuidados de saúde que precisamos	1	2	3	4	5
7. Temos dinheiro suficiente para actividades de lazer	1	2	3	4	5

16. Em que medida a sua família tem dificuldade em pagar as contas mensais?

- Não temos dificuldade nenhuma
- Temos poucas dificuldades
- Temos algumas dificuldades
- Temos muitas dificuldades
- Temos mesmo muitas dificuldades

17. Em que medida a sua família consegue poupar dinheiro por mês?

- Não consegue poupar dinheiro
- Consegue poupar pouco dinheiro
- Consegue poupar algum dinheiro
- Consegue poupar bastante dinheiro

18. Muitas famílias tiveram que diminuir despesas devido a dificuldades financeiras. Por favor indique quais dos seguintes “cortes” teve de fazer nos últimos 12 meses:

	Sim	Não
--	-----	-----

1. Aceitei um trabalho extra para ajudar a pagar as despesas		
2. Usei poupanças para pagar despesas do dia-a-dia		
3. Tive de vender bens materiais		
4. Comprei mais bens a crédito do que costumava fazer		
	Sim	Não
5. Adiei a compra de bens importantes para a casa		
6. Mudei de casa para poupar dinheiro		
7. Reduzi contribuições para a igreja ou instituições de solidariedade		
8. Reduzi ou desisti do seguro de saúde		
9. Reduzi ou desisti do seguro automóvel		
10. Reduzi ou desisti do seguro da casa		
11. Reduzi despesas com a educação dos filhos (por exemplo, mudar de escola, reduzir actividades extracurriculares)		
12. Fiz mudanças na compra de alimentos ou nos hábitos alimentares para poupar dinheiro (por exemplo, comprar produtos mais baratos, levar refeições para o trabalho, cortar algumas refeições)		
13. Reduzi despesas com vestuário e calçado		
14. Passei a andar menos vezes de carro para poupar dinheiro		
15. Reduzi o uso de electrodomésticos em casa para não gastar tanta electricidade		
16. Cortei em despesas com actividades sociais e de entretenimento (por exemplo, cortar a TV cabo, desistir do ginásio, deixar de ir ao cinema)		
17. Adiei cuidados de saúde médicos/dentários		
18. Deixei de pagar contas ou adiei o seu pagamento		
19. Adiei férias que já estavam planeadas		
20. Pedi dinheiro emprestado para ajudar a pagar contas		
21. Recebi ajuda do estado		
22. Adiei o pagamento dos impostos da(s) nossa(s) propriedade(s)		
23. Vendi propriedades para juntar dinheiro		
24. Confiscaram-me bens ou propriedades (por exemplo, o carro ou a casa)		
25. Comprei bens em segunda-mão em vez de novos		
26. Fiz troca de bens ou serviços com outras pessoas		
27. Entrei em bancarrota		
28. Assumi responsabilidades adicionais em casa para que outro membro da família pudesse trabalhar mais fora de casa		

19. Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Tenho problemas em dormir devido aos meus problemas financeiros	1	2	3	4	5
2. Sinto-me preocupado porque não consigo pagar cuidados médicos adequados	1	2	3	4	5
3. Sinto-me muitas vezes preocupado devido à minha má situação financeira	1	2	3	4	5
4. A minha situação financeira é muito pior este ano do que era nos 12 meses anteriores	1	2	3	4	5
5. Não sei como serei capaz de me sustentar nos próximos 12 meses	1	2	3	4	5

Incope-2R (Bodenmann, 2000; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014)

Gostaríamos de saber como reage quando se encontra numa situação de *stress*. Para o ajudar, foque-se nas suas recordações e lembre-se de como lidou com o seu *stress* durante a semana passada.

Nunca	Raramente	Por vezes	Muitas vezes	Geralmente
1	2	3	4	5

1. Esqueço tudo o que aconteceu.	1	2	3	4	5
2. Convenço-me que irei conseguir.	1	2	3	4	5
3. Comparo-me com outras pessoas.	1	2	3	4	5
4. Fumo, bebo álcool, como doces, etc.	1	2	3	4	5
5. Penso com precisão sobre o que não está bem, e sobre o que deveria fazer.	1	2	3	4	5

Anexo C: Protocolo de investigação – Versão
Filhos



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Versão Filhos

Por favor escreva no código abaixo:

- No **1º quadrado** escreva: a 1ª letra do seu nome
- No **2º quadrado** escreva: a 1ª letra do nome do seu pai
- No **3º quadrado** escreva: o dia em que nasceu
- No **4º quadrado** escreva: o número da porta da sua casa (se a sua casa não tiver número coloque um zero)

Exemplo: **Código** | J | M | 12 | 4 |

Código | _ | _ | _ | _ |

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ___ / ___ / ____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo

Feminino Masculino

2. Idade

___ anos

3. Ano de escolaridade

_____ ano

4. Origem étnica

Caucasiana Africana Caucasiana-Africana Asiático Outra Qual? _____

5. Zona de Residência Habitual

Norte Centro Grande Lisboa Arq. Madeira

Algarve Alentejo Arq. Açores Outra _____

6. Com quem habita?

7. Irmãos

Número de irmãos ____

8. É crente em alguma religião?

Não Sim Qual? _____ É praticante? Não Sim

9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

Nunca teve Teve no passado Tem actualmente

10. Pais – Estado Civil

10.1. Pai

Casado/União de facto

10.2. Mãe

Casada/União de Facto

C&R

(Youth Connectedness Project, 2006; versão portuguesa Crespo & Francisco, 2011)

As frases seguintes referem-se ao que as pessoas, em geral, podem fazer ou pensar quando têm algum problema. Por favor, indique a frequência com que costuma fazer/pensar estas coisas quando tem um problema que o(a) preocupa, assinalando uma das alternativas de resposta:

Nunca /Quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre/Quase sempre
1	2	3	4	5

5. Falo com outras pessoas sobre como me estou a sentir	1	2	3	4	5
6. Tento mudar a situação para resolver o problema	1	2	3	4	5
7. Penso “devo ter problemas sérios, caso contrário, não me sentiria assim”	1	2	3	4	5
8. Entro em brigas ou discuto com outras pessoas	1	2	3	4	5
9. Evito lidar com os meus problemas	1	2	3	4	5